

negócios

negocios.pt

Quarta-feira, 17 de abril de 2024 | Diário | Ano XVIII | N.º 5223 | € 2.80
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**



LUÍS BARROSO CEO MOBI.E
“A mobilidade elétrica pode promover a independência energética”
SUSTENTABILIDADE 20 a 23

Apenas sete mil prestações da casa foram congeladas

Anterior Governo estimava que medida de redução dos encargos com o crédito abrangesse entre 900 mil e um milhão de famílias. Contudo, o número de pedidos foi muito inferior. **MERCADOS 24 e 25**

Publicidade



Da nova linha do metro do Porto vê-se o mar

Reportagem Viagem às entranhas da linha Rosa e da Amarela, que abre no fim do mês

EMPRESAS 14 e 15

Jose Gageiro/Movephoto



O 25 de Abril por 50 autores



O Negócios começa hoje a divulgar um conjunto de 25 postais alusivos à revolução dos cravos, editados pela Câmara Municipal de Grândola.

ESPECIAL 12

FMI vê Portugal a convergir com euro oito anos seguidos

ECONOMIA 8 e 9

Grandes empresas nacionais andam às compras lá fora

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

IRS Jovem deste Governo continua a dar vantagem a rendimentos mais altos

ECONOMIA 10

Eurobarómetro
Só 9% sabem o dia em que se realizam as eleições europeias

Portugueses dão relevância ao Parlamento Europeu, mas só 57% admitem votar a 9 de junho.

HOME PAGE 2

negócios iniciativas

Este suplemento faz parte integrante do Jornal de Negócios n.º 5223, de 17 de abril de 2024, e não pode ser vendido separadamente.

Prémio Floresta é Sustentabilidade

- Área florestal é um terço do território
- Investimento de 15 milhões em cinco anos
- 13 premiados em quatro categorias

“A floresta plantada deve ser ativamente gerida”
António Redondo, presidente da Biond

“A evolução que houve no setor florestal é assinalável”
Assunção Cristas, presidente do júri

Duarte Roriz



PRÉMIO Floresta é Sustentabilidade

Uma iniciativa

Biond
Forest Fibres
from Portugal

CORREIO

negócios

4ª EDIÇÃO

Plantar o futuro, hoje.

Decorreu a cerimónia da 4ª edição do Prémio Floresta e Sustentabilidade, uma iniciativa Biond em parceria com Negócios e Correio da Manhã.

Faça parte do futuro!

Saiba mais em premioflorestasustentabilidade.pt

Publicidade



Florestas estão no centro da nova bioeconomia circular

O presidente da Biond sublinhou o papel da intensa atividade de I&D e na produção de conhecimento protagonizada pela indústria, pela academia e instituições para a sustentabilidade da floresta.

FILIPE S.FERNANDES

O equilíbrio entre o que se produz, conserva e aproveita da floresta é um objetivo que o setor persegue, cada vez mais. “Falar de floresta é falar de sustentabilidade. Em Portugal, falar de floresta significa falar de floresta plantada porque é a esmagadora maioria que temos no país e é também por isso que deve ser ativamente gerida, segundo padrões cada vez mais rigorosos, com vista ao cumprimento das suas importantes funções económicas, ambientais e sociais que precisamos”, como afirmou o presidente da Biond, António Redondo, durante a cerimónia de entrega de prémios da 4.ª edição do Prémio Floresta é Sustentabilidade, uma iniciativa da Biond em parceria com o Correio da Manhã e o Negócios, que conta com o apoio da PwC.

“Há cerca de cem anos, a área estimada de florestas ocupava 7% de Portugal, hoje representa cerca de cinco vezes mais, o que equivale a um terço do território português”, referiu. “É um crescimento por ação humana, deve-se à sua iniciativa de plantar florestas, de industrializar os seus produtos, agregando-lhe assim maior valor e de em ambas as atividades tirar rendimento. A valorização económica dos produtos de base florestal fomentada pela indústria está na origem desta expansão de área”, afirmou António Redondo, que sublinhou a importância da proteção das florestas naturais, “muito escassas em Portugal”.

O valor da floresta implica também a chamada gestão ativa, “que garanta a promoção dos di-



António Redondo, presidente da Biond, defendeu a “gestão ativa” da floresta.

PRÉMIO
Floresta é
Sustentabilidade

Plantar o futuro, hoje.

As associações de produtores

Na sua intervenção, António Redondo sublinhou o papel do conhecimento para sustentabilidade da floresta, que assenta numa intensa atividade de I&D e na produção de conhecimento protagonizada pela indústria, pela academia e por diversas instituições, entre as quais se encontra a Biond. “Todo o conhecimento produzido, bem como as boas práticas que ele promove, nos mostra as grandes oportunidades que a floresta nos

oferece nos dias de hoje e para as próximas gerações na promoção de um futuro mais sustentável”, disse António Redondo.



Há 100 anos, a área de florestas ocupava 7% de Portugal, hoje representa cinco vezes mais.

ANTÓNIO REDONDO
Presidente da Biond - Forest Fibers from Portugal

O responsável sublinhou que é o conhecimento de base científica que faz das florestas “protagonistas na transição de um bioeconomia linear baseada em recursos fósseis e finitos e importante geradora de resíduos, por isso sem futuro, para uma nova bioeconomia circular assente em recursos renováveis, neutra em relação ao clima, positiva para a natureza”.

Na sua opinião, mais floresta significa não desperdiçar áreas com potencial – como é o caso dos matos que representam 12% do território – e que podem ser uma fonte de enriquecimento económico, social e ambiental.

Melhor floresta significa floresta com gestão ativa, mais produtiva, que tanto aposta na valorização económica dos seus produ-

tos, como a madeira, a cortiça ou a resina, mas também nas externalidades positivas ainda não remuneradas pela sociedade como o sequestro de carbono, o fomento da biodiversidade, a proteção e criação de solos, a regulação de regimes hidrológicos ou a criação de espaços de lazer e cultura.

António Redondo destacou ainda a importância das associações de produtores como a Biond ao permitirem ganhos de escala, de produtividade e de rendimentos para os seus associados, e porque são um dos meios privilegiados para a transferência de conhecimento. Por isso, “seria de toda a justiça que lhe fosse reconhecido e remunerado pelo poder público esse papel potenciador da coesão territorial”. ■

Fotos: Duarte Roriz



Assunção Cristas, presidente do júri do Prémio Floresta é Sustentabilidade.

“Este é o século do capital natural e da natureza”

Portugal evoluiu muito na área da sustentabilidade e grande parte da legislação publicada destina-se a evitar o greenwashing, destacou, na sua intervenção, a jurista Assunção Cristas, presidente do júri do Prémio Floresta é Sustentabilidade.

O balanço do que está a ser feito na área da sustentabilidade, a nível de medidas legislativas, é positivo, mas ainda “há muito caminho que está a ser feito e todos os stakeholders têm um papel a desempenhar”, lembrou a jurista e professora universitária Assunção Cristas, durante a cerimónia de entrega de prémios da 4.ª edição do Prémio Floresta é Sustentabilidade, de que é presidente do júri.

O prémio, que distingue associações e organizações florestais, escolas e jornalistas com projetos dirigidos à floresta sustentável, é uma iniciativa da associação sem fins lucrativos Biond – Forest Fibers from Portugal, em parceria com os jornais da Medialivre Correio da Manhã e Negócios, e que conta ainda com o apoio da PwC.

A evolução que houve no setor florestal em Portugal é assinalável, como recordou a ex-ministra da Agricultura (foi titular da pasta entre 2011 e 2015). “É bem visível no conjunto de legislação que temos aprovada, em vigor, com obrigações claras, mas também com direitos. Basta olhar para a Lei do Clima e para a Lei Europeia do Clima, para a legislação que obriga as empresas a fazerem relatórios sobre os vários pilares da sus-

tentabilidade em que se inclui o ambiental, mas também o social e os direitos humanos”, explicou Assunção Cristas. Sócia da firma Vieira de Almeida Advogados e professora na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, na qual leciona Direito e Sustentabilidade, entre outras cadeiras, observa que estes temas estão muito mais presentes no país e, “algumas empresas, antes mesmo que surja a lei e lhes seja aplicável, já estão preocupadas e prontas a executar as obrigações”.

É preciso comunicar mais

Assunção Cristas assinalou que muita da legislação que é publicada se destina a evitar o greenwashing. Para a jurista e professora universitária, o setor florestal é muito discreto, por várias razões. “Está em espaços onde a demografia não sugere grandes alardes, onde há pouca gente e muito território e floresta.” A sociedade foi criando vários tabus sobre as florestas, o que não ajudava ao reconhecimento do setor, referiu. “Hoje é mais visível, tem uma parte de organização, a Biond, que representa isso mesmo, muito sofisticada, virada para o exterior, com

processos muito profissionais, competitiva e bem organizada.” Mas não deixa de assinalar que a floresta mantém alguma invisibilidade em comunicação. “Este século e este tempo são do capital natural e da natureza. Por isso, a floresta e por isso vai ter mais visibilidade”, afirmou Assunção Cristas.

No novo governo, que tomou posse em 2 de abril passado, a Secretaria de Estado das Florestas regressa ao Ministério da Agricultura, mas deixa de conter a Conservação da Natureza. Para Assunção Cristas isto não significa, por si só, alguma coisa. “O mais relevante são as pessoas que depois podem fazer a diferença e a capacidade de fazer as pontes e as coordenações.”

“As florestas estarem na Agricultura parece-me uma escolha natural, ajuda muito porque as políticas europeias agrícolas têm um grande impacto na área florestal e são tratadas em conjunto em termos europeus. As florestas têm que ver com a produção, com a parte agro, e com a de conservação da natureza. Por isso, o importante é que haja uma boa coordenação dentro do governo”, concluiu a presidente do júri.

Biond investe 15 milhões na floresta em cinco anos

Os quatro programas operacionais foram desenvolvidos com produtores e comunidades rurais e levaram a ganhos e mais produtividade.

Entre 2019 e 2024, houve um investimento da Biond por via das suas associadas de 14,2 milhões de euros numa área total de 72 mil hectares, 42 mil parcelas, 8 mil beneficiários. Estão a intervir em seis regiões em Portugal (Norte Litoral, Centro Litoral, Coimbra, Centro Interior, Oeste, Sul Litoral), entre outros. Têm quatro programas operacionais: Limpa e Aduba, Replantar, Recuperação de Arditos e Melhor Floresta.

“Quando se faz uma intervenção e se contacta com os proprietários, melhora-se em termos técnicos e de gestão e a floresta fica mais produtiva e mais resiliente”, referiu Gonçalo Almeida Simões, diretor-geral da Biond, na sua intervenção.

O território rural e florestal está esquecido, mas é uma vasta maioria no país. “Os grandes centros urbanos equivalem apenas a 5% do território de Portugal. Temos as florestas com uma área total de 40%, a agricultura com 26% e os matos com 12%”, salientou o responsável. “Atingiríamos uma maior resiliência para a floresta, mais exportações das indústrias associadas, mais emprego e mais sequestro de CO₂”. No cenário oposto, haverá “menos produtividade, mais incêndios rurais e menos valor para a indústria associada”. ■

Bom acordo setorial

Gonçalo Almeida Simões afirmou que o anterior governo tinha iniciado as negociações com as três fileiras, eucalipto, pinho e sobreiro, relativamente ao que seria um bom acordo setorial. “Atingiríamos uma maior resiliência para a floresta, mais exportações das indústrias associadas, mais emprego e mais sequestro de CO₂”. No cenário oposto, haverá “menos produtividade, mais incêndios rurais e menos valor para a indústria associada”. ■



Gonçalo Almeida Simões, diretor-geral da Biond, lembrou que a maioria do território é “mancha verde”.

NEGÓCIOS INICIATIVAS PRÉMIO FLORESTA É SUSTENTABILIDADE



CATEGORIA ECONOMIA E SOCIEDADE

VENCEDOR EMAC - EMPRESA MUNICIPAL DE AMBIENTE DE CASCAIS, E.M. (CASCAIS AMBIENTE)

A Quinta onde se educa para o ambiente

A EMAC, mais conhecida por Cascais Ambiente, presta serviços à Câmara Municipal de Cascais que vão da recolha de resíduos urbanos até à conservação da natureza e a educação e sustentabilidade ambiental entre outras. Nesta dimensão procura responder à questão de “como é que conseguimos cada vez mais promover novos comportamentos e novas atitudes para com a comunidade e sensibilizá-la para as alterações climáticas, o risco de incêndios e as formas de utilização de espaços naturais”, explicou João Cardoso Melo, diretor de Ges-

tão de Estrutura Ecológica da Cascais Ambiente. O exemplo prático desta estratégia é a Quinta do Pisão, cujo projeto de recuperação data de 2011, e com capacidade de estabelecer uma relação com a comunidade sendo um espaço de encontro de famílias, escolas e voluntários. Desenvolvem oficinas da natureza em que participam os alunos das escolas envolvendo cerca de 25 mil alunos por ano. A que crescem mais de 17 mil voluntários que encontram na quinta um espaço de aprendizagem, de intercâmbio e de conhecimento. ■



A EMAC venceu pelo projeto de educação ambiental Quinta do Pisão.

MENÇÃO HONROSA CENTRO DO CLIMA DA CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DO VARZIM

Os bosques pelo clima

Esta instituição foi criada tendo como foco o combate às alterações climáticas e resulta da parceria entre a Câmara Municipal da Póvoa do Varzim e a Associação Biopólis, que agrega a Porto Business School da Universidade do Porto e a Universidade de Montpellier. O seu objetivo é atuar diretamente na comunidade para apoiar a transição energética. O pro-

jecto “Os Bosques pelo Clima” pretende criar uma rede de bosques no concelho da Póvoa do Varzim. “Decidimos pegar em áreas relativamente degradadas, em termos florestais, e fazer a sua reabilitação através da preparação e florestação com espécies da nossa flora autóctone”, referiu Sílvia Costa, vereadora do ambiente da autarquia da Póvoa do Varzim. ■



O Centro do Clima da Câmara da Póvoa do Varzim ganhou uma menção honrosa pelo projeto de criar uma rede de bosques no concelho.



A cooperativa agrícola Guadimonte venceu com o projeto de recuperação de solos queimados pelos incêndios.

VENCEDOR GUADIMONTE - COOPERATIVA AGRÍCOLA SUPRAMUNICIPAL C.R.L

Uma cooperativa como resposta aos incêndios

Em agosto de 2021 a região de Castro Marim foi fustigada por um grande incêndio e ardeu uma grande área florestal. Em dezembro foi constituída a Guadimonte por vontade de 12 produtores do Baixo Guadiana. “Depois do incêndio decidimos criar uma cooperativa e avançamos com a recuperação de solos degradados que tinham sofrido o incêndio”, salientou Valter Matias, presidente da Guadimonte. Neste momento têm uma

área com cerca de 50 hectares de nova floresta com plantas autóctones como a alfarrobeira e o medronheiro. “Foram um primeiro sinal, uma primeira resposta ao incêndio, mas há vontade em aumentar a área. Há muita área para intervir de uma forma mais organizada, com novas tecnologias e com a incorporação do regadio, com análises de solos, com a introdução de elementos de fertilização”. Contam com o apoio da Universidade do Algarve. ■

CATEGORIA INOVAÇÃO

VENCEDOR LABORATÓRIO DA PAISAGEM



O Laboratório da Paisagem venceu com o projeto “Sem Invasoras”.

MENÇÃO HONROSA AGUIARFLORESTA - ASSOCIAÇÃO FLORESTAL E AMBIENTAL DE VILA POUCA DE AGUIAR

Novas tecnologias na montanha

O Life Maronesa é um projeto de governação e de informação e ação climática que utiliza a raça maronesa como uma ferramenta de gestão do



O CoLAB ForestWise recebeu uma menção honrosa com um laboratório para gestão integrada da floresta e do fogo.

Para erradicar espécies exóticas invasoras

O Laboratório da Paisagem foi fundado em 2014 pela Câmara Municipal de Guimarães, a Universidade do Minho e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e está hoje assente em três eixos de intervenção principais: investigação e educação; gestão de projetos e candidaturas; e comunicação e formação ambiental.

O projeto “Sem Invasoras” tem como foco especial a gestão de espécies exóticas invasoras. Tem uma componente de educação ambiental para a capacitação e a sensibilização da comunidade para as espécies invasoras nos ecossistemas. Acrescentou ainda a investigação e o teste de metodologias de controlo através da eficácia de malhas biodegradáveis no controlo e erradicação de uma espécie chamada “Fallopia japónica”, mais conhecida por “Sanguinária do Japão”. Para o futuro, os objetivos são testar a eficácia deste método, que teve resultados muito promissores, em outros locais e com outras condições ambientais. ■



A AguiarFloresta - Associação Florestal e Ambiental de Vila Pouca de Aguiar recebeu uma menção honrosa com o “Life Maronesa”

território através de um modelo diferente do tradicional. “Em vez de uma exportação de nutrientes da montanha para as zonas agrícolas, o criador tem os animais em liberdade na montanha, é esta essencialmente a filosofia do projeto”, explica Duarte Marques, presidente da direção da AguiarFloresta. Algumas inovações neste modelo vão das manjedouras móveis às coleiras GPS, pas-

sando pela fertilidade dos lameiros, ou ações de fogo controlado na montanha para melhorar os pastos. “Do ponto de vista ambiental é relevante mas tem outras dimensões, como a valorização da carne oriunda deste modo de produção extensivo e a obtenção de um conjunto de informação científica com a qual queremos influenciar políticas de apoio a este tipo de raças”. ■

MENÇÃO HONROSA COLAB FORESTWISE Tecnologia e inovação para a floresta

O CoLAB ForestWise, fundado em 2018, é o laboratório colaborativo para a gestão integrada da floresta e do fogo. “Atualmente é a entidade a nível nacional que concentra mais competências nestes dois domínios”, garante Carlos Fonseca, CTO do Laboratório Colaborativo ForestWise. Trouxeram tecnologia para a inventariação florestal através de aplicações móveis. E avançaram com a digitalização das operações florestais através de sensores acoplados a máquinas de recorte e de rechega. “É também uma maneira de contribuirmos de uma forma muito significativa para uma gestão florestal mais sustentada”. ■

CATEGORIA ESCOLAS

VENCEDOR ESCOLA PROFISSIONAL DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL DE CISTER, ALCOBAÇA

Percursos verdes e cabras sapadoras



Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister, Alcobaca.

É uma escola profissional nas áreas da agricultura e da restauração e tem uma exploração agropecuária com cerca de 28 hectares, com produção vegetal e animal, setor de mecanização e de restauração. O percurso verde EPADRC, hoje aberto à comunidade, nasceu como projeto de uma turma do curso técnico de Recursos Florestais Ambientais, de levantamento e caracterização das árvores autóctones da escola. Já o projeto das cabras sapadoras surge para juntar a produção animal com a floresta, tendo-se feito desbaste do material vegetal de maior porte para os animais poderem circular. ■

MENÇÃO HONROSA ESCOLA PROFISSIONAL DE AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL DE VAGOS (EPADR)

Investir em tecnologias verdes

A Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos foi fundada em 31 de agosto de 1990, tendo como membros-fundadores o Ministério da Educação, a Câmara Municipal de Vagos, a Cooperativa Agrícola de Vagos CRL e a Escola Secundária de Vagos. Em 2000, a escola passou a integrar a rede de estabelecimentos de ensino oficial do Ministério da Educação. “Somos amigos, por isso investimos em tecnologias verdes”, diz Jorge Martins, técnico de manutenção industrial no vídeo en-



viado a concurso. “Temos desde 2005 um forte compromisso e é uma prova de que estamos empenhados arduamente em fazer a

diferença e em promover um futuro saudável e sustentável”, refere a coordenadora do Eco-Escolas, Telma Anico. ■

MENÇÃO HONROSA ESCOLA PROFISSIONAL DE VILA DO CONDE

O projeto Monstro Lixo

Desde 2021 que a escola desenvolve o projeto Monstro Lixo, que é uma iniciativa de sensibilização ambiental através da construção e exposição de monstros gigantes produzidos com resíduos recolhidos pelos alunos e alunas. O projeto promove os princípios dos três erres – reduzir, reutilizar, reciclar – e envolve a comunidade escolar e o público em geral. Esta ação é feita de uma forma lúdica, interativa e impactante. Em 2023, num programa de empreendedorismo foi criada uma startup de animação sociocultural a partir do projeto Monstro Lixo. ■



Escola Profissional de Vila do Conde.

Fotos: Duarte Roriz

CATEGORIA JORNALISMO TV

VENCEDOR MANUEL PORTUGAL, JORNALISTA DA TVI

“Casas sem pessoas e florestas sem projetos”



“Tenho a sorte de trabalhar numa redação com jornalistas e repórteres de imagens muito experientes no que toca aos assuntos das florestas e dos incêndios”, explicou Manuel Alegre Portugal, jornalista da TVI que fez a reportagem televisiva vencedora e contou com a colaboração de Marco Andrade. Na sua opinião, “a floresta pode ser mais rentável, se for mais cuidada e pode oferecer menos riscos”. Depois referiu-se ao facto de Portugal “ter um território desequilibrado, com uma vasta área de território que não tem pessoas e uma floresta um pouco abandonada”. Acrescentou que Portugal deve dizer “se quer que vamos todos viver para Lisboa, onde não há casas que cheguem para as pessoas, ou vamos pensar num território onde há casas sem pessoas e aldeias inteiras sem gente e florestas sem projetos”.

CATEGORIA JORNALISMO TV

VENCEDOR JOÃO LUÍS CAMPOS, DIÁRIO DE COIMBRA

O regresso de Pedrógão à floresta

Na reportagem “Limpeza e replantação em Pedrógão Grande são sinal de esperança”, o diretor-adjunto do Diário de Coimbra, João Luís Campos, foi ao terreno para perceber o que estava a acontecer com a reforestação depois dos grandes incêndios de junho de 2017. “Falámos com as pessoas, com os proprietários, com os empresários e todos eles destacaram de facto esta parceria entre a Biond, as empresas locais, as associações dos produtores flo-

restais e o trabalho em conjunto que já se vê no terreno. As coisas estão a acontecer e é possível fazer diferente”, afirmou João Luís Campos. Viu muitas áreas já limpas, replantadas, “com as pessoas a sentirem-se mais seguras, mais confiantes. E esta reportagem conseguiu perceber que este projeto, que ainda é piloto, tendo em conta a sua dimensão, claramente deve e pode ser replicado no país”, concluiu João Luís Campos.

MENÇÃO HONROSA ALINE FLOR, PÚBLICO

Uma história de árvores centenárias

Este trabalho contou a história de três gigantes verdes de Portugal, tendo sido escolhidos três querus: um sobreiro, um carvalho-alvarinho e um carvalho-cerquinho, que têm centenas de anos.

“Contamos um pouco do que chamamos a vida social destas árvores. Por um lado, os animais, as plantas, os seres vivos que a habitam e fazem parte do ecossistema, mas também a vida social que fazem com as populações à sua volta. Muitas vezes as pessoas

unem-se para salvar estas árvores já muito antigas. Por outro lado, valorizar o que estas árvores trazem para estas comunidades”, explicou Aline Flor, jornalista do Público. A imagem e o vídeo de Tiago Bernardo Lopes detalham as copas, os troncos, as raízes, os musgos, os bichinhos, sendo guiados por João Gonçalves Soutinho, um biólogo que nos fala sobre porque é que temos de valorizar e apreciar estes gigantes verdes da natureza.



Aline Flor

MENÇÃO HONROSA DANIELA SANTIAGO, RTP

A importância do pinhal-bravo

“O valor do Pinhal-Bravo” de Daniela Santiago, editora de Ambiente e Ação Climática da RTP, teve por base um estudo pioneiro pelo Centro Pinus, que revelava o valor e a importância do pinheiro-bravo no território português, a necessidade de gestão da floresta de pinho e a sua importância para a biodiversidade, pois alberga 5 a 10% de flora especial e única.

“Foi uma reportagem simples de fazer pelo contacto que tive com os diferentes profissionais, pelo contacto que tive com o pinhal-bravo como editora de Ambiente e Ação Climática da RTP, a única televisiva portuguesa que tem esta editoria. Não vamos atrás do escândalo, e por



Daniela Santiago

aquilo que é notícia por alguma trica e por algum problema. Queremos mostrar o que de facto é importante e também as boas notícias”, referiu a jornalista Daniela Santiago ao agradecer o prémio que lhe foi atribuído.



João Luís Campos

Fazer acontecer uma floresta ordenada

Na mesa-redonda, autarcas de concelhos atingidos pelos grandes incêndios florestais destacaram a importância de quatro programas operacionais da Biond

Depois dos grandes incêndios florestais de 2017, os quatro programas operacionais da Biond incentivaram autarcas, produtores e empresários a cuidar do pulmão verde no interior, como referiram os participantes na mesa-redonda, “Floresta: Fazer Acontecer”. O debate aconteceu na cerimónia de entrega de prémios do Prémio Floresta é Sustentabilidade, uma iniciativa da Biond em associação com o Correio da Manhã e o Negócios e com o apoio da PwC.

A Biond é a associação que agrupa as empresas industriais e florestais da pasta, papel, cartão e atividades afins, tendo como associadas a Renova, a D.S. Smith, a Altri e a Navigator. Tem quatro programas operacionais: “Limpa e Aduba”; “Replantar”; “Recuperação de ardidos”; e “Melhor Floresta”, este é um projeto colaborativo englobado na agenda mobilizadora Transform, apoiado pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR).

“Considero que foi uma espé-

cie de Euromilhões que nos saiu”, afirmou Carlos Rocha, presidente da Junta de Freguesia de Real, no concelho de Castelo de Paiva, referindo-se ao programa “Melhor Floresta”, da Biond, que intervencionou 170 hectares de floresta em Real.

O autarca explicou que, depois dos incêndios de outubro de 2017, “as empresas que tinham eucalipto fizeram as limpezas, mas os pequenos proprietários não fizeram nada e as árvores pareciam cabelos na paisagem”.

Com o projeto “Melhor Floresta”, contrariaram-se ideias feitas. “As pessoas estavam convencidas que se tivessem dez pauzinhos num metro quadrado produziam muito, não percebiam que se calhar um eucalipto por metro quadrado é muito mais rentável, o corte é mais fácil e dá mais riqueza aos proprietários”, destacou Carlos Rocha.

Resgatar Monchique das cinzas

A freguesia de Alferce, no conce-

lho de Monchique, tem características de solos e pluviosidade para a produção e exploração florestais. Mas sofreu grandes incêndios em 2003 e em 2018 - este último consumiu 27 mil hectares de floresta. A seguir a este incêndio, surgiu um plano de ordenamento da gestão da paisagem da serra de Silves e Monchique.

“Quando soubemos do plano, pensámos que era um milagre e que seria desta vez que se faria a transformação da floresta e da paisagem, haveria grandes investimentos e a recuperação seria feita. Mas depois deparamo-nos com um programa de restrição completa e sem nenhum investimento. As empresas florestais fizeram projetos e foram chumbados. Criou-se uma barreira e não se deixou desenvolver nada”, descreveu José Manuel Gonçalves, presidente da Junta de Freguesia de Alferce.

Os únicos apoios vieram da Biond, primeiro com o programa “Limpa e Aduba”, em que havia uma participação privada e outra da associação, e, depois, com o “Melhor Floresta”, que utilizou equipas locais, que estavam sem trabalho, para as operações de recuperação de quase 50 hectares

Duarte Roriz



O debate com Carlos Rocha, José Manuel Gonçalves, António Henriques e Margarida Guedes.

na floresta de Alferce. “O projeto da Biond é muito importante, apesar das grandes resistências dos proprietários nas reuniões iniciais, desconfiados de uma intervenção nos seus terrenos sem qualquer contrapartida. É complementar às outras ações que o município tem vindo a fazer. Dentro de cinco a 10 anos teremos um território mais resiliente e com maior valor acrescentado do ponto de vista económico”, afirmou António Henriques, presidente da Câmara de Castanheira de Pera, para quem “é mais fácil e rápido ter uma floresta desordenada do que ordenar a floresta”.

Afastar os incêndios

Em junho de 2017, Pedrógão Grande foi o primeiro território a sofrer com os grandes incêndios que devastaram hectares e hectares de floresta e causaram a morte de 64 pessoas. O regresso à vida e à esperança da reconstrução, a partir das cinzas, foi difícil.

“Começou-se com o programa da Biond “Limpa e Aduba”, que parecia ser pouca coisa, mas é demasiado importante, porque limpar e adubar melhora a ren-

tabilidade da plantação. As pessoas foram percebendo e hoje há mais proprietários disponíveis para este programa, porque quando se cuida estamos a rentabilizar o poder económico, e, ao mesmo tempo, estamos a pôr trabalho e tecnologia na floresta, o que ajuda a economia local, e a diminuir o risco de incêndio na paisagem”, lembrou Margarida Guedes, presidente da Associação de Produtores Florestais de Pedrógão Grande.

A proprietária e dirigente da associação de produtores referiu ainda que, com o “Replantar Pedrógão”, se pensava que o objetivo da Biond era replantar e ter o seu retorno futuro. Não foi assim, replantou eucalipto e fileiras de pinheiro, de medronheiro, mostrando que nas florestas cabem todas as espécies”.

Acrescentou que, em Pedrógão Grande, “a Biond foi a primeira, se não a única, entidade que, de algum modo, tentou que a nossa floresta de produção pudesse ser rentável e resiliente. Os incêndios não acabam com estas intervenções, mas, de certeza, que ficarão mais distantes e haverá menor incidência e menor capacidade”.

O turismo da natureza e o eucalipto

“O turismo é muito importante para o nosso território, que tem uma belíssima paisagem natural que se faz com floresta, com água. É necessário que possamos rentabilizar o território para atrair turismo”, afirmou Margarida Guedes, presidente da Associação de Produtores Florestais de Pedrógão Grande. Uma ideia reforçada por António Henriques, presidente da Câmara de Castanheira de Pera: “Sem floresta não teremos turismo, porque a nossa identidade passa pelas áreas florestais, tanto de eucalipto como de espécies autóctones como o castanheiro, a oliveira, o marmeleiro, o medronheiro”.

José Manuel Gonçalves, presidente da Junta de Freguesia de Alferce, sublinhou o crescimento do turismo na sua região. “Em termos de desenvolvimento florestal, os projetos que estamos a fazer têm por objetivo gerir bem a floresta e têm sido uma alavanca para o desenvolvimento do turismo da natureza, da paisagem”. Mas não vale a pena ter ilusões. “Desengane-se quem pensa que depois de 2017 vamos deixar de plantar eucaliptos no nosso território”, como referiu o autarca de Castanheira de Pera. “A fileira da resina foi desaparecendo porque perdemos as fábricas de resina, e deixou de ser um negócio interessante do ponto de vista económico. Depois encontraram no eucalipto uma forma de dinamizar economicamente os seus terrenos”, lembrou ainda António Henriques. Margarida Guedes também referiu a perda de espaço do pinheiro-bravo num território como Pedrógão Grande, porque a resina perdeu importância económica. Alertou ainda que depois dos incêndios houve uma invasão de infestantes, “que estão por todo o lado, em consequência dos incêndios e da incapacidade de os proprietários serem capazes de as removerem, o que tem impacto na paisagem”.

PRÉMIO

Floresta é Sustentabilidade

Uma iniciativa:

Biond°
Forest fibers
from Portugal

CORREIO
de manhã

negócios

Premiados

Economia e Sociedade

Vencedor

Guadimonte - Cooperativa Agrícola Supramunicipal C.R.L

Vencedor

EMAC - Empresa Municipal De Ambiente De Cascais, E.M., S.A.
(Cascais Ambiente)

Menção Honrosa

Centro do Clima (Município da Póvoa de Varzim)

Inovação

Vencedor

Laboratório da Paisagem

Menção Honrosa

CoLAB ForestWISE

Menção Honrosa

AguiarFloresta - Associação Florestal e Ambiental
de Vila Pouca de Aguiar

Jornalismo

Vencedor: Imprensa escrita

João Luís Campos (Diário de Coimbra)

Vencedor: TV

Manuel Portugal (TVI)

Menção Honrosa: Imprensa escrita

Aline Flor (Público)

Menção Honrosa: TV

Daniela Santiago (RTP)

Escola

Vencedor

Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento
Rural de Cister, Alcobaça

Menção Honrosa

Escola Profissional de Vila do Conde Unipessoal Lda.

Menção Honrosa

Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento
Rural de Vagos (EPADRV)

